



AUTOR(ES): MATHEUS FELIPE OLIVEIRA COSTA e DALIANA CRISTINA DE LIMA ANTONIO.

“OS MÉDICOS DIZEM QUE COM O TRATAMENTO TEREI UMA VIDA NORMAL, MAS DOUTORA, O QUE É UMA VIDA NORMAL?”: RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA APÓS O DIAGNÓSTICO POSITIVO PARA O HIV/AIDS EM MONTES CLAROS — MG

Se trata de um relato de experiência durante observação participante na instituição Grupo de Apoio à Prevenção e aos Portadores de HIV/Aids (GRAPPA), no município de Montes Claros, Minas Gerais, com o objetivo de conhecer as formações discursivas sobre o *HIV* nas narrativas de pessoas que vivem com o vírus. Foram seguidas orientações metodológicas de Brandão (1981; 2007) para quem o campo é uma vivência e “todo trabalho de produção de conhecimento aí se passa através de uma relação subjetiva” (BRANDÃO, 2007, p. 12). A questão central desta pesquisa foi: *que transformações são relatadas nas (sobre)vivências com o HIV?* Durante o campo, em uma roda de conversa na instituição com uma médica infectologista sobre o dia a dia com o tratamento, um homem negro a interpelou dizendo *que ouve de muitos médicos que com o tratamento e as consultas ele consegue ter uma vida normal*, e perguntou para a médica *o que é uma vida normal?* A médica respondeu sorrindo que era uma ótima pergunta e que *o normal é variável*. Na verdade, *o normal está em vários campos e fazendo o tratamento de HIV a pessoa consegue ter a vida que ela quer viver*. Depois da resposta, o homem explicou que *não se sentia normal* e que todos os dias ele colocava uma *bomba* dentro do corpo dele. Relatou ainda sobre a vergonha de pedir emprego porque não se sente uma pessoa produtiva, já que se sente indisposto e disse que seu corpo *é fraco*. Uma senhora branca, solicitou a fala e disse que vive com *HIV* há 30 anos. Afirmou que tomava 20 medicamentos por dia, no início de seu tratamento, e que atualmente toma apenas 2 e, por conta disso, hoje sente que tem uma vida normal. Disse não sentir efeitos colaterais com os novos medicamentos, como sentia anteriormente. Esses dois casos remeteram a uma análise sobre o *HIV* atravessar as histórias de vida das pessoas que tiveram o diagnóstico positivo de modo a reconfigurar a trajetória de vida desses sujeitos. Não persiste um estigma da *Aids* nos relatos deles, pois suas vivências, ainda que por vezes marcadas pela ideia de normalidade enquanto uma vida sem o diagnóstico, foram ressignificadas e *posithivadas* no processo de se viver com o vírus. Desse modo, conhecer as vivências contribuiu para analisar as formações discursivas sobre o lugar do vírus nas relações intersubjetivas e entender que as práticas de vida não admitem uma fronteira entre o normal e o patológico, assim como afirmou outra atendida pelo GRAPPA, *viver com HIV é viver*.

PALAVRAS-CHAVE: *HIV*. Sociologia. Estigma. Vivência.

Aprovação Comitê de Ética: CEP/UNIMONTES nº 50898921.0.0000.5146, 2021.